

## Poetas Persas em Unicidade com a Alma

Quando pela primeira vez me encontrei com os poemas divinos de Rumi e Hafiz senti-me reconectada com minha alma e em silêncio, na intimidade com a solidão, pude buscar uma memória já perdida e, enfim, recapturada para o encontro com o Mundo e com o Ser.

Quem são esses poetas que tanto têm penetrado e encantado os corações dos ocidentais famintos por Beleza? O que tem esses poemas que são hoje best-sellers nos EUA e Europa? O que os fazem tão atuais?

Jelaluddin Rumi (séc. XIII, 1207-1273) é o mais importante poeta da mística sufi e pertence à linhagem dos grandes gênios da literatura universal. Rumi foi o fundador da Ordem Mevlevi, cujos membros são conhecidos como Dervixes Girantes e que participam de dança matematicamente precisa em atmosfera de completa serenidade. Rumi expandiu seus ensinamentos por versos e conversações espontâneas registradas por seus discípulos após dedicarem-se à dança ao longo de toda noite. Seus poemas, prazerosos e profundos, são totalmente atuais no sentido de expandir a consciência.

Shams-ud-din Muhammad Hafiz (séc. XIV, ~1320-1389) nasceu e viveu na cidade de Shiraz, hoje Irã., um século após Rumi. Foi padeiro, professor, poeta e mestre. Apesar de ser conhecido no ocidente só recentemente, é considerado o poeta mais popular de toda a Pérsia. Sua coleção de poemas é clássica. Inspirou Emerson, Goethe, Garcia Lorca, Brahms e Nietzsche. Hafiz traz o dom da alegria com Deus aqui na Terra. É o inigualável poeta que nos convida e nos encoraja a experienciar as maiores delícias divinas: a beleza e o amor.

Pertencentes à tradição antiga da Pérsia (séc XI-XV), são poetas cobertos com o espírito do sagrado e êxtase divino. Eles nos levam para um espaço de meditação profunda e nos fazem viver a experiência única de expansão da consciência, de maneira prazerosa, como um repousar no colo de Deus. Acredito que o escutar profundo destes poemas contribui realmente para o cultivo da alma, curando-a de suas feridas, se não, com certeza, é uma carícia aos nossos tão sedentos e carentes eus.

O mundo ocidental é dividido entre polaridades rígidas como espírito e matéria, mente e corpo, sujeito e objeto. E sofremos com isto. Somente o que vemos com nossos olhos é real e, gradualmente, fomos nos afastando da sabedoria do coração. Não mais nos encontramos com o mundo ou participamos do *mundus imaginalis*, do ser em alma, quando muito, apenas observamos, o que ainda não é contemplação. Nos tornamos cegos do coração. A cegueira é tal que nos aprisiona em um mundo estéril onde a realidade é restrita ao que podemos ver, tocar, dissecar, analisar e manipular.

No mundo cultural dos poemas persas, a noção de que há um self interior separado do mundo é uma idéia que não existe.

Os poemas persas nascem de um contexto cultural onde o poético e o imaginal são veículos para o Numinoso – para essa dimensão sagrada de bênção divina, de bem aventurança. O nosso péssimo hábito ocidental de conceituar vê-se, então, flagrado no espaço sagrado dos mistérios, libertando-nos do cartesianismo. Aqui, a imaginação é poderosa e misteriosa o suficiente para experienciar e revelarmos as divinas forças da natureza.

*Com a maré da manhã surgiu no céu uma lua.*

*De lá, desceu e fitou-me.  
 Como o falcão que arrebatou o pássaro,  
 Essa lua agarrou-me e cruzou o céu.  
 Quando olhei para mim, já não me vi:  
 Naquela lua meu corpo se tornara,  
 Por graça, sutil como a alma.  
 (Rumi)*

O poema continua como um oceano de energia que não é inerte, adverte Rumi, mas um *continuum* de consciência - sem hipocrisia! Voltamos a uma tradição onde a palavra era para ser dita, ouvida e sentida. Uma tradição que fala do *mundo dentro do ser*. Transmite-se a imagem. Para o poeta persa é a força imaginativa do coração que nos abre para um modo de percepção que penetra, que olha através, que fala através para o desvelar de uma imagem viva que anime o mundo. Para que isso aconteça, são necessários um alto nível de sofisticação e uma boa dose de humor com pétalas da beleza e com a profundidade do mar. Aliás, os humores (incluindo a alegria, a depressão, a tristeza, a vergonha, a maldade) da nossa natureza interior restauram a alma.

Naquela atmosfera de reencontro com o mundo, já é clara a noção, que só recentemente a física quântica trouxe ao mundo ocidental, de que somos fisicamente compostos de células conscientes que carregam elas mesmas a realização de seus próprios fluxos e identidades.

*Nós somos as abelhas  
 E nosso corpo, a colméia.  
 Fizemos nosso corpo.  
 Célula por célula, nós o fizemos. (Rumi)*

Aprendemos assim, a honrar nosso mais profundo self.

*Assim que chegaste ao mundo,  
 Uma escada para liberdade te foi oferecida.  
 Da dimensão mineral tu te transformaste  
 Em vida vegetal.  
 Em seguida, errante animal.  
 Será para ti um mistério?  
 Depois como ser humano,  
 Desenvolveste razão, consciência e fé.  
 Estás vendo como te ergueste do pó como uma rosa? (Rumi)*

A Pérsia tem várias marcas indeléveis: as invasões de Alexandre, a conquista árabe, a invasão mongólica. Rumi nasceu na província de Balkh, hoje Afeganistão, em 1207 e foi para Konya, hoje Turquia, fugindo de Gêngis Khan. Este era, também, um período onde o Islamismo estava em plena expansão espontânea. Quando o Cristianismo buscava colocar limites a esta expansão, iniciaram-se as Cruzadas. Francisco de Assis foi um enviado para negociar com as hostes inimigas. Lá chegando, encanta-se com a força espiritual de Shams de Tabriz e Rumi, reverenciando-os. Neste espaço de expansão e

conflitos, cresce o Sufismo, raiz cultural dos poetas, que neste ambiente de reflexões, revisita o Islamismo retornando à fonte Zoroastriana, de vinte séculos antes e, ao mesmo tempo, a transcendendo. Une o feminino e o masculino. A Natureza é o Todo. Transcende as querelas atuais do Cristianismo, Judaísmo, Islamismo e retorna com a alma unificada. Retorna trazendo um mundo de imagens, gestos, vozes, cores, sabores, aromas e sons que nos convidam a voltar para casa.

*Nem  
Cristão, Judeu ou  
Mulçumano, nem Hindu,  
Budista, Sufi ou Zen.  
Nem nenhuma outra religião.  
Pertença ao Amado. (Rumi)*

Uma clara e bela celebração da vida é cantada nos versos de Rumi, Hafiz e outros poetas persas com grande sensibilidade para o Amor. *Eros é kosmogonos*, já nos dizia Jung. Ver, sentir, tocar, cheirar o Belo é possível! Sim, é um convite para desvelarmos os segredos de cada curva de nosso corpo e alma. Um convite para desvelarmos nosso próprio mito. Com a esperança de que nossa criança divina interior volte a cantar.

*Renuncia a todas as formas  
E dize-te “Um” com a vida. (Rumi)*

Os poemas desvelam as imagens do mundo para permitir que cada coisa, viva ou não, manifeste seu ser. São expressões metafóricas dos distintos modos da consciência que nos abre para perspectivas cósmicas nas quais a alma participa.

*O céu  
É um oceano azul suspenso.  
As estrelas são peixes que nadam  
Os planetas são baleias brancas  
nas quais, às vezes  
Eu costumo  
Montar.  
O sol e toda a luz  
Para sempre se fundiram em meu coração  
E sobre minha  
Pele.*

(Hafiz).

Poetas persas, povos também de Paz, que celebram a Vida, a Beleza, o Amor. Com sabedoria e humildade, que perpetuem sua cultura poética com a *língua do invisível* atingindo corações e cultivando alma com o Amado. De coração para coração.

Luciana Aires Mesquita.

**Luciana Aires Mesquita**, MA em Estudos Mitológicos com ênfase em Psicologia Profunda pelo Pacifica Graduate Institute, CA, EUA (2001) com bolsa de estudos da OEA. É graduada em Relações Internacionais (1991) e Artes Cênicas (1997) pela UnB. Em busca das raízes mitológicas e teatrais do Oriente, percorreu o Japão, a Índia e a Indonésia. Percorreu a Grécia por várias vezes aprimorando seus estudos dentro da mitologia grega e recentemente gravou o Cd “Rumi Hafiz Cora” -- selecionando, traduzindo e interpretando os poemas persas. Atualmente está realizando pesquisas sobre o milho junto às nações indígenas brasileiras.